

TRIBUNA Livre

1
DEZEMBRO
1962

SEMANARIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOZA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

O legado de Dona Filomena gravemente mutilado

A benemérita Dona Filomena doou à Câmara três das suas quintas para que fosse construído o hospital do concelho. Fê-lo quanto à raiz, pois o usufruto ficou a pertencer a uns parentes. Não é das funções da Câmara administrar hospitais, daí, o terem sido dados os passos necessários a que seja a Misericórdia a concretizar a vontade da testadora.

Quase sempre os usufrutuários pretendem tirar das terras o maior rendimento com o menor dispêndio, o que leva a um definhamento grande das terras.

Aqui o caso é mais concreto. Desde há muito que a Câmara e a Misericórdia lutam para salvar o que podem. Se não foram inteiramente felizes o certo é que alguma coisa conseguiram.

Pessoa ligada de perto à administração das propriedades dizia-nos há momentos que se é certo que não foi possível impedir a fuga de muita coisa, certo é também que devido à vigilância do sr. director clínico da Misericórdia, então presidente do Município, e de um vereador, muito se foi sustentando.

É preciso evitar isto, é preciso que cada um cumpra com diligência as suas funções chegando a todos os sítios onde elas obrigam, mesmo que a missão seja de sacrifício. No outro perfil dessas funções, que é o dos cafés e reuniões, esse não falta quem cumpra e goste.

São três quintas, milhares de contos, um brávio que daria para enfrentar as participações do Estado até concretização do sonho maior do concelho, mas que, no dizer de quem nos informa, a Misericórdia virá a receber somente a «terra deserta».

Nós já só pedimos aos que têm responsabilidade de que de alguma maneira cumpram o seu dever, ainda mais se esse dever é dar vida a organismos que nunca deveriam parar por serem o estamôgo dos pobres, o seu cobertor, o seu medicamento, para que deles possamos receber uma prece de gratidão.

O CONDE DOS HARENS

Conheço o José Manuel há bastante tempo. Alegre, gentil, inteligente, vive a vida que Deus lhe deu o melhor possível. É um pouco ambicioso o José Manuel.

Do numeroso grupo de irmãos de que faz parte, é de longe, o mais alegre. De tal forma que diverte todos os outros quando se juntam. Tem jeito para bobo. Para bobo fino.

A tristeza notória de alguns irmãos fica em maus lençóis quando chega o José Manuel com a sua alegria contagiante. Em suma, o n/ heróis é um rapaz feliz. Totalmente feliz.

Há dias visitou-me na m/ repartição. Tivemos uma longa conversa acerca da sua vida, dos seus projectos e acima de tudo acerca de determinado título que o José Manuel ambicionava — o de conde.

Já todos o tratavam como tal. Conde para aqui, conde ali. Então como está o sr. conde?, etc.

— Diz-me lá, José Manuel. Tu és realmente conde?

— Não. Não sou conde. Fui eu que me intitulei assim para arrelhar os amigos.

— Mas gostavas de ser conde, não?

— Há! Sim. Gostava imenso.

— Pois, meu rapaz. Vou-te dar o título que tens usado ilegalmente. Sabes certamente que tenho poder para isso. Ficas a ser o conde dos harens.

— Dos harens? Que é isso?

— Ficas a ser o chefe dos harens que há por certos países orientais. O título — e a missão — está-te a calhar. Sei do teu grande fiaco pelo belo sexo e por esse facto decidi incumbir-te de tal missão.

A partir de hoje tens ao teu dispôr todos os harens da Arábia e de outros países orientais. Ficas a ser também o Conde dos harens. Cuidado, meu rapaz. Muito cuidado com as mulheres, com as belas mulheres que acabo de te endossar. Faz-te forte de corpo e alma para as poderes suportar a todas.

João Correia

Notícias diversas

A Câmara reuniu, na passada quinta feira, para adjudicar a obra da electrificação das freguesias até Bouro. Como a proposta mais baixa, de 698.800\$00 foi da casa Electro-Instaladora Unidos do Norte, de Braga, coube-lhe, a realização.

Nos últimos dois meses a Câmara recebeu as participações: 650.000\$00 para a estrada de Seramil; 260.000\$00 para a continuação da estrada de Paranhos e 180 contos para a estrada de Santa Luzia. Seria interessante que os concursos se dessem simultaneamente até porque a última participação — a da Santa Luzia — é a que tem o prazo mais curto, 180 dias, não obstante a abertura e obras de arte serem trabalhos morosos.

Foi adjudicada o empreitada de pavimentação da estrada Bouro-Caniçada, no valor de 2.800 contos.

Riqueza ignorada

Um dos grandes defeitos de que enferma o povo português é a sua natural tendência para ignorar determinados aspectos do seu modo de se afirmar como comunidade distinta e eivada de tradições que a apresentam com características únicas no espectro mundial. O tradicional sentimento da superioridade de tudo quanto ultrapassa o âmbito nacional, têm vindo a deixar no esquecimento, que o nosso povo tem atrás de si largos séculos de uma tradição que o particularismo geográfico-social marcou com as características de um ineditismo que não sofre, por totalmente diferenciado, concorrência com as de qualquer povo estrangeiro.

Ultimamente, através do êxito que, fora de portas, têm obtido, por exemplo, os nossos grupos folclóricos que em certames internacionais têm marcado uma posição capaz de abalar o espírito mais descrente e o fabuloso meuto do nosso turismo, susceptível de desafiar as previsões mais optimistas, verifica-se uma substancial alteração na maneira de encarar e apreciar as nossas coisas. Só muito lentamente, porém, os rasgados elogios que os nossos visitantes prodigalizam a tu-

Eleições e novos elementos directivos

na Casa do Povo de Amares

No passado domingo, dia 24, realizaram-se as eleições para a escolha dos elementos directivos para o próximo triénio. Presideu o sr. Alberto de Magalhães Meneses e Azambuja, presidente da Assembleia Geral.

O acto decorreu com a melhor compostura e muita elevação sendo reeleita a Mesa da Assembleia Geral a que preside o sr. Alberto de Magalhães Meneses e Azambuja e tem como vogais os srs. José Martins Ferreira e João Luiz da Silva.

A direcção que era presidida pelo sr. Aristides Marques Vilela, passou agora a ser presidida pelo sr. Arnaldo Vieira de Faria, de Dornelas, tendo como vogais os srs. José António de Sousa e António Gregório de Araújo, respectivamente secretário e tesoureiro.

Os novos directores são pessoas bem conhecidas pelo seu aprumo e pelos seus sentimentos nacionalistas e da sua gestão é de esperar que se incremente e expanda a acção da Casa do Povo de Amares possuidora de magníficas instalações e merecedora, portanto, de novas actividades.

Ao novo elenco as nossas saudações e a promessa, que é certeza, de uma colaboração atenta e contínua.

Foi posta a concurso

a 2.ª fase da estrada de Paranhos

Na sua reunião de 29 de Novembro findo a Câmara Municipal deliberou pôr a concurso a segunda fase da estrada Caldelas-Paranhos, orçada em 280 contos.

A primeira fase está quase concluída e com esta a estrada vai já servir a povoação de Paranhos que não tinha qualquer estrada.

O anúncio seguiu já para o Diário do Governo.

(Continua na 4.ª página)

Reunião do Conselho Geral

do Grémio da Lavoura

Satisfazendo ao preceituado nos estatutos reuniu o Conselho Geral do Grémio da Lavoura deste concelho tendo presidido o sr. Arnaldo de Magalhães Menezes e Azambuja que se fez ladear pelos srs. Januário da Silva Barros e António Alves.

Feita a chamada dos conselheiros o funcionário sr. João Silva procedeu à leitura da acta anterior que foi aprovada.

Em seguida o Conselho Geral aprovou as contas de gerência e orçamento suplementar.

Entrando-se na eleição da nova Mesa do Conselho Geral o sr. presidente informou o Conselho de que os estatutos não referiam a eleição por

listas, pelo que esta modalidade foi posta de parte e as listas feitas ficaram sem efeito.

Desconhecendo a proposta do sr. dr. Arantes Rodrigues para uma eleição por aclamação, por extemporânea e ilegal, o sr. presidente orientou a eleição por sentados e levantados sendo por unanimidade reeleita a Mesa anterior assim constituída: Presidente — Arnaldo de Magalhães Menezes e Azambuja; Vice-Presidente — Augusto dos Santos Mota; Secretário: Abílio de Andrade e José Maria Alves.

A reunião acabou com um voto de louvor à direcção pela construção da nova sede e a felicitação ao sr. Meneses e Azambuja pela sua reeleição,

TRIBUNA AGRICOLA

Os Tratamentos em Fruticultura

Calendário dos tratamentos durante o Verão

Os meses de Junho, Julho e Agosto são para muitas espécies frutícolas, meses de plena produção e para outras de desenvolvimento da futura colheita. Os estragos provocados por insectos, fungos, etc., no começo da estação não poderão ser agora corrigidos pelo que os tratamentos durante este período devem normalmente ser a continuação dos que se fizeram nos meses anteriores.

Prunóideas

As doenças provocadas por fungos são menos de temer durante este período mas no caso de haver recorrência, encontram-se dadas as indicações fitossanitárias adequadas, nos calendários anteriores.

Dos insectos que atacam o pessegueiro o mais perigoso é a mosca do Mediterrâneo que modernamente pode ser combatida com êxito por meio de insecticidas sistêmicos. Este método de combate que pode representar a solução deste grave problema para os pessegueiros do Sul do País, está ainda em apuramento pelo que aconselhamos os fruticultores a dirigirem-se a serviços técnicos oficiais ou a técnicos de empresas de insecticidas para sua resolução.

Pomóideas

Também os fungos, com excepção do oídio nalgumas zonas, representam, principalmente para o fim do período de que tratamos, um perigo muito menor. Os tratamentos contra o pedrado devem porém fazer-se durante o mês de Junho e nalgumas zonas ainda em Julho.

O maior perigo nestes meses provém do ataque do «bichado, das peras e maçãs e os tratamentos devem prosseguir durante todo o verão até pouco antes da colheita com insecticidas de seviná, diazinão, D.D.T., arseniados, gusatião, paratião, etc. Os ataques de ácaros são de temer em certos pomares podendo recorrer-se a insecticidas fosfóricos (não sistêmicos a partir de Julho), enxofres molháveis em doses baixas, ou acaricidas específicos. O uso de insecticidas fosfóricos permite combater os ataques de afídeos e psyllas que ocorrem com certa frequência no início da época de que tratamos.

Citrinos

Logo que os frutos tenham três centímetros de diâmetro podem e devem fazer-se tra-

tamentos com óleos lubrificantes de verão como tratamento contra as cochonilhas (amarela, «grão de pimenta», «ceroplastes», «vírgula», «icéria», «algodão», etc.) Este tratamento com óleos de verão deve ser precedido, no caso de haver infestação, de um tratamento contra a formiga argentina com insecticidas de clordana ou dieldrina.

Os ataques de piolhos que comprometem seriamente a floração, frutificação e rebentação são debelados com insecticidas sistêmicos, ou fosfóricos não sistêmicos.

Estes mesmos insecticidas em mistura com os óleos lubrificantes ou isoladamente, também concorrem para eliminar os ataques de ácaros de temer em certas variedades e zonas do País.

As variedades que maturam neste período ou as árvores que conservam frutos até tarde são atacadas pela mosca do Mediterrâneo principalmente no Sul. Está indicado o uso repetido de insecticidas de dieldrina devendo o tratamento ser vigiado por um técnico.

Culturas hortícolas

As observações que fizemos em relação aos meses anterior-

es são também válidas para os meses de verão. O grande número de pragas e doenças que atacam as hortícolas neste período exigem que o lavrador esteja preparado não só tecnicamente, mas também com produtos adequados, máquinas, pessoal, etc., para ocorrer a qualquer eventualidade.

Em muitos casos principalmente nas culturas hortícolas industriais extensivas do Sul a defesa destas culturas é de tal forma complexa que o lavrador deve recorrer sempre que possível aos serviços especializados em fitossanidade dos Grêmios da Lavoura, Cooperativas, empresas de insecticidas ou a contratadores de tratamentos.

É de especial importância que ao aplicar insecticidas sobre culturas hortícolas se tenha bem presente a noção de intervalo de segurança, ou seja o período que deve mediar entre a última pulverização e a colheita, de forma que a saúde do consumidor não seja afectada pelos resíduos dos insecticidas que ficam sobre os frutos. Há um intervalo de segurança preconizado para grande número de culturas e insecticidas e os diferentes Serviços técnicos estão em condições de os divulgar.

Conselhos práticos

Aos avicultores

Apróxima-se a época das incubações. É portanto a altura dos avicultores solicitarem aos Serviços Oficiais a realização de um exame sanitário, especialmente às galinhas destinadas à reprodução, a fim de saber se estão ou não infectadas com Pulorose, terrível doença transmissível aos pintos através dos ovos.

* * *

Neste mês termina o ano de postura da maior parte das galinhas poedeiras. É portanto a altura de rever os registos de postura e eliminar todas as aves que apresentem baixa produção. Galinha que não põe só dá prejuízo.

Aos suinicultores

A água que os ovinos bebem é muitas vezes a fonte de graves doenças infecciosas e parasitárias.

Defenda os seus ovinos das

doenças não permitindo que bebam em águas sujas e estagnadas.

* * *

A obtenção de leite são e limpo é condição fundamental para a produção de bom queijo.

Para obter leite nestas condições, além de manter animais saudáveis, realize a ordenha em local limpo e sem poeiras, utilizando um recipiente com boca estreita (ferrado)

Aos suinicultores

Um animal bom reprodutor nem sempre é aquele que descende de boas famílias ou o que exhibe boas qualidades.

Bom reprodutor será aquele que dê origem a filhos bons. Portanto, para seleccionar os animais destinados à reprodução realize «Contrastes de descendência».

As donas de casa

e a cor das gemas dos ovos

A exploração de galináceos em espaços mais ou menos limitados, isto é, em aviários, trouxe às donas de casa, embora indirectamente, mais um quebra-cabeças, como se não bastassem os muitos outros que já as apoquentam. Com efeito, habituadas aos ovos com gemas coradas, não toleram aqueles em que as respectivas gemas se apresentam com coloração menos acentuada, o que é o caso de muitos ovos procedentes de aviários. Para documentar esta intolerância, não resistimos à tentação de referir uma cena a que, não há muitos dias, tivemos o desgosto de assistir. Num estabelecimento, entrou apressadamente uma cliente que ordena ao caixeiro: «O Sr. José, dê-me aí uma dúzia de ovos, mas dos saloios, porque os dos aviários não prestam. Parecem tuberculosos, tão pálidos são!» Depois de um cerimonioso «pois sim, minha senhora», o caixeiro dirigiu-se a um cesto onde se encontravam umas coisas arredondadas, muito sujas, e muito conspurcadas (algumas por vezes), meteu uma dúzia num cartucho e entregou este à cliente, ao que ela, muito satisfeita exclamou: «destes sim!» E, ao retirar-se, lançou, aliás muito graciosamente, este injusto desabafo: «Apre! Agora nem já as galinhas me deixam em descansa!»

Sem deixarmos de prestar justiça às dificuldades que cada dia mais assoberbam as donas de casa, não podemos deixar de reconhecer que, algumas delas, são filhas do seu desconhecimento quanto aos produtos alimentares que vão adquirir. É justamente o que se passa com a cor das gemas dos ovos. E senão vejamos: A cor da gema resulta simplesmente da presença, em pequeníssimas proporções, de diferentes substâncias corantes dissolvidas nas matérias gordas da gema. As referidas substâncias são fundamentalmente as seguintes: Xantofila, Criptoxantina, Zeoxantina, e outras designadas por Carotenos. Demonstrou-se que, destas substâncias, somente os Carotenos da Criptoxantina possuem certo valor alimentar, visto que se convertem no organismo em vitamina A, porque nas outras duas, o valor alimentar é nulo. Ora — e aqui reside a falta de razão das donas de casa — são precisamente a Xantofila e a Zeoxantina, isto é, as que não possuem qualquer valor alimentar, as que dão às gemas a característica coloração amarelo-alaranjada. Quer portanto dizer que, o valor alimentar,

é o mesmo nos ovos coradas e descoradas.

Há pessoas que pretendem hilar a causa da descoloração das gemas em prováveis doenças das aves. Nada menos verdadeiro. A razão porque alguns ovos de aviários apresentam a gema descorada é apenas esta: As matérias corantes, a que atrás se fez referência, vêm da alimentação que se dá às aves, sendo principalmente as verduras e milho amarelo que as contêm. Acontece, porém, que nos aviários, muitos avicultores não dão às aves verdura e milho amarelo, pelo que os ovos que produzem são descorados. Portanto, é indispensável saber que, a cor das gemas não tem qualquer relação com o valor nutritivo e muito menos com qualquer doença. É apenas uma questão alimentar.

As boas ou más qualidades de um ovo não dependem da cor da gema mas sim do seu estado de frescura, higiene e sanidade.

Alguns casos há em que as donas de casa se queixam de que os bolos confeccionados com gemas descoradas não apresentam aquela cor amarela de que tanto gostam. Isto, porém, já é uma questão de estética, e não de valor alimentar ou de sanidade. Porque é a produção que serve o consumo, compete ao avicultor administrar às aves uma alimentação de forma a

(Continua na 4.ª página)

Os Métodos de Análise dos Sumos de Frutos

Acaba de ser editado sob o patrocínio da Federação Internacional dos Produtores de Sumos de Frutas, uma valiosa obra relativa aos métodos de análise preconizados nos Países membros desta Federação.

Esta brochura contém 7 métodos de análise acompanhados de desenhos gráficos e quadros permitindo a determinação dos alcoóis, dos ácidos tituláveis, a determinação do açúcar, a determinação dos ácidos voláteis, o cálculo dos ácidos tituláveis não voláteis e a determinação do anidrido sulfuroso total. Este trabalho apresenta-se redigido em alemão, inglês e francês. Pode-se obtê-lo ao preço de 15 N. F. dirigindo-se à Federação Internacional dos Produtores de Sumos de Frutas, 16, rue de la Chaussée d'Antin Paris 9.

Visado pela Censura

TRIBUNA do CONCELHO

Irá construir-se a Casa do Povo da Feira Nova?

De há tempos que há a possibilidade de fazer construir a Casa do Povo da Feira Nova em virtude do I.N.T.P. ter à disposição a participação.

Uma coisa tem evitado o andamento do processo. É a falta de terreno, especialmente porque a construir-se se quer fazer um edifício grande, que sirva todas as necessidades da Instituição, incluindo a Obra das Mães.

Surge, porém, a lembrança de se fazer erguer aquele imóvel na parte do fundo dos terrenos dos Bombeiros, na Lage, lugar central e devoluto.

Ao meio do novo edifício

da Casa do Povo e dos edifícios dos Bombeiros ficaria uma faixa de terreno em que seria possível construir parques para os chamados desportos pobres, como ringue, basquete e voley. Quanto a futebol já estamos servidos e bem.

Para que neste terreno se fizesse o que alvitramos seria necessário arranjar a cedência do terreno o que nos parece possível atendendo a que os Bombeiros estão servidos para o presente e para o futuro e a nova construção é de interesse público.

Há quem tente seguir em frente?

ENFIM!...

Goães, Santa Marta e Bouro
Vão fazer da noite dia...
Eram fortes como um touro
E vão ter mais "energia".

Gostei sempre destas terras
Da cabeça do Concelho;
Férteis campos, lindas serras
E gentes de bom conselho.

Mais vale tarde que nunca...
Quem espera sempre alcança...
Por isso agora se junca
De flores a vossa esperança.

Parabéns e cumprimentos
Vos manda quem tanto gosta
De ver tais melhoramentos
E LUZ de encosta em encosta...

Só falta agora que a estrada,
Aquela fita entre montes,
Seja também reparada
Desde Bouro às Duas Pontes.

UERBA

FUTEBOL

CAMPEONATO DISTRIAL DA

F. N. A. T.

DOMINGO, ÀS 15 HORAS

No Campo de Jogos Luis Calheiros de Abreu

Leões da Modelar,

CONTRA

Confiança F. C.

Casamento elegante

No passado domingo, dia 25, no Templo de Santa Marta da Falperra consorciaram-se a senhora D. Maria Isabel da Mota Dias Paredes, gentil e prendada filha da Sr.ª D. Maria das Dores da Mota Paredes e do Sr. Norberto de Barros Dias Paredes, conceituado comerciante da nossa praça, com o Sr. João Cândido Ferreira de Pinho, filho da Sr.ª Filomena Rosa Ferreira de Pinho e do Sr. Manuel de Pinho, do Concelho de Monção.

Os noivos tiveram a companhia dos grande número de pessoas das melhores condições sociais sendo o acto realizado pelo pároco do noivo com a assistência do pároco da noiva.

Ao almoço, faustosamente servido no Hotel da Falperra, usaram da palavra diversos oradores para realçarem as virtudes dos noivos e lhes desejarem um futuro cheio de prosperidades.

A esses votos nos associamos gostosamente para que sejam felizes.

Os noventes seguiram em viagem de núpcias finda a qual passarão a residir nesta Vila.

ANIVERSÁRIO

Passa no próximo dia 3 de Dezembro, o seu aniversário natalício o snr. Paulo Barbosa de Macedo, Proprietário da Tipografia «A Modelar».



Por tão faustosa data seus empregados desejam-lhe a continuação de boa saúde na companhia de sua Ex.ª esposa, filhos e restante família. Tribuna Livre felicita o ilustre aniversariante desejando-lhe muitas felicidades e que esta data se prolongue por muitos anos.

ANIVERSÁRIO

Passa na próxima quarta-feira dia 5 o seu aniversário natalício o nosso particular amigo snr. José Francisco Lopes de Paiva, residente em Lisboa.

Casamento elegante

A menina Filomena de Araújo Antunes, da freguesia de Proselo, extremosa filha do sr. Domingos de Araújo Antunes, abastado proprietário naquela freguesia, oriunda de uma família que goza do melhor nome do nosso meio, casou-se, no passado domingo, com o sr. António Ferreira das Neves, comerciante, residente em S. Jerónimo de Real.

O solene acto realizou-se no Templo do Santuário de nossa Senhora do Sameiro e foi celebrante o pároco da noiva Padre Manuel Dias.

No final seguiu-se o almoço que teve a presença de muitos convivas.

Aos bríndes usaram da palavra vários oradores para inaltecerem as qualidades dos noivos e desejar-lhes as maiores felicidades.

Ao novo casal reiteramos os nossos votos de muitas prosperidades.

Vida elegante

Fazem anos:

Hoje—A Ex.ª Sr.ª D. Maria do Céu Gomes, a menina Maria Amélia Oliveira Arantes e o Snr. António José da Costa.

Dia 2—A Ex.ª Sr.ª Maria José Dias Antunes e o Snr. José Azevedo Dias.
Dia 3—O Ex.º Sr. Mário Ramos.

Dia 4—O Snr. Artur da Cunha Cruz.

Dia 5—O Rev. P.º Luiz João Antunes de Almeida.

As donas de casa

e a côr das gemas dos ovos

Continuação da 2.ª página

que produzam os ovos de acordo com o gosto do consumidor. Para terminar, deve-se mais uma vez salientar que, os ovos com gema descorada, são tão bons como os outros, e, nalguns casos, são até melhores, visto que, em geral, são produzidos em aviários onde as condições higiénicas e sanitárias são devidamente cuidadas, ao contrário do que sucede com os locais e aves donde provêm os ovos saloios, muito corados, tão procurados e, até, exigidos por algumas donas de casa.

Por tão alegre data seus pais, irmãos e restante família desejam-lhe muitas felicidades e que esta se repita por muitos anos.

Visado pela Censura

HUMORISMO

ANEDOTAS

Era uma vez um padre realista e objectivo que à força de observar os homens (e mulheres) foi perdendo as suas ilusões.

Por isso, durante os casamentos, costumava substituir as tradicionais palavras «Até que a morte vos separe», por estas com um cunho mais moderno: «Até que outro vos separe».

* * *

Três coisas que jamais voltam:

- A honra perdida
- A flecha lançada
- O dinheiro emprestado

* * *

Pela maneira como o dinheiro se desvaloriza dentro em breve teremos realizado uma incrível utopia social: todos os mendigos serão milionários.

* * *

Cada homem tem na vida uma mulher que o destino lhe reservou para companheira dos seus dias. Se conseguir escapar-lhe poderá viver tranquilo.

* * *

Antigamente o maior problema para um casal que se divorciava era saber quem iria ficar com os filhos. Hoje é saber quem vai ficar com a casa.

* * *

-- Imaginem que querem aumentar o preço do vinho. Acho que é tempo de apresentarmos o caso à ONU.

* * *

MARIDO (chegando a casa)

— O que é o jantar e o que é que tem a tua mãe?

MULHER

— Feijoada e apendicite.

* * *

CLIENTE

— Eu queria comprar uma camisa..

EMPREGADO DO BALCÃO

-- Igual a esta que eu trago?

CLIENTE

— Não. Um pouco mais lavada.

* * *

CARTAZ COLOCADO NUM BAR

Aqui só confiamos em Deus. Todos os outros clientes devem pagar no momento de beber.

A vingança do Deus serpente

Um querido amigo, ilustre jornalista norte-americano, ao seguir há pouco de Lagos, na Nigéria, para Accra, no Ghana, quis, ao passar no Daomé, ir em romagem sentimental («I paid a sentimental journey» — diz-me ele) ao que resta do forte português de S. João Baptista de Ajudá; e dali então me escreveu.

Não houve, até hoje, da parte das autoridades do Daomé, qualquer esforço de restauração do que ardeu. Paredes enegrecidas pelo fogo, janelas escancaradas, vidros quebrados — eis o que resta do que foi um belo solar de estilo colonial português; mas à entrada do forte ainda se encontra intacto o azulejo onde as palavras da tradicional hospitalidade lusitana têm agora um sabor de irónica melancolia: «Bemvindo seja quem vier por bem».

No pátio, lado a lado com um canhão de bronze que ostenta, sob a coroa dos Reis de Portugal, a data em que saiu da fundição — 1680 — um automóvel também destruído pelo fogo e com a matrícula CD-3.896. Era o carro do último Re-idente português.

O meu amigo entrou depois no que era, dentro do forte, o jardim e o pomar, jardim e pomar que a selva africana já principiou, implacavelmente, a invadir; ainda ali se vêem, porém, algumas laranjeiras carregadas de frutos

cor de ouro e as buganvílias ainda trepam pelo tronco das acácias...

O que foi um marco de civilização é assim, hoje, apenas a lembrança de uma presença. Os nativos evitam penetrar no recinto do forte: é que eles crêem que as almas dos portugueses de todos os tempos, que entre aqueles muros viveram e morreram, ali os esperam, para se vingarem da afronta que fez a Portugal o Governo do Daomé...

Perto das ruínas do forte de S. João Baptista de Ajudá ergue-se a catedral católica; mas ainda mais perto fica o templo da Serpente. Sob as naves da catedral não são muitos, hoje, os fiéis ajoalhados. Em compensação, as multidões afluem, cada vez mais numerosas, ao templo da Serpente, em cujo tecto cónico de palha, assente sobre muros de adobe, os ofídeos — muitos dos quais venenosos — tranquilamente rastejam ou miram com a frialdade magnética dos seus olhos sem expressão os devotos que ocorrem com oferendas de toda a ordem, sobretudo pequenos animais vivos. É o regresso da África negra ao terror das crenças primitivas — o triunfo insolente da superstição sobre o cristianismo. E não tardará por certo a hora de sacrificar também à Serpente, divindade tutelar da República do Daomé, membro número não sei

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga
no Quiosque Central
Largo do Barão de São
Mrtainho

Visado pela censura

quantos da conspícua Organização das Nações Unidas, seres humanos — como se fazia não há ainda um século, quando as autoridades portuguesas não acudiam a tempo de salvarem da mais horrorosa das mortes os prisioneiros trazidos amarrados das guerras do interior ou as virgens designadas pelo feiticeiro-mor, grão-sacerdote do terrível deus ofídeo.

As desilusões do tempo e o homem da muita sorte

(Continuação da 5.ª página)

descontroladas, para actos de loucura, os operários desataram a reclamar por tudo e por nada, ameaçaram com greves, manifestaram-se nas ruas. Um dia, nas próprias oficinas, fizeram greve de braços caídos.

O administrador, que só não pagava melhor porque não podia, não se perturbou. Saiu do seu escritório, sozinho, muito sereno, muito calmo, e atravessou as oficinas e os escritórios. Ao ver aquele homem simples, que trabalhava mais do que qualquer dos outros trabalhadores e não se poupava a esforços em benefício da empresa, que era o ganhador de todos, os operários iam dizendo:—Ele, afinal, é dos nossos! E retomaram o trabalho.

À noite, nos cafés, dizia-se:—Que sorte! Que homem de sorte!

Ninguém falava nos trabalhos, na inteligência, e nas vigílias, por detrás dessa sorte.

Era como no caso daquele estadista—quem seria?—a quem felicitavam pelo bom resultado que obtinha sempre em condições geralmente adversas, entre dificuldades que pareciam às vezes insuperáveis e faziam trepidar os menos animosos. O tempo acabava sempre por lhe dar razão... E ele respondeu:

—Parece que o tempo é meu aliado, parece... Mas do que vocês não fazem ideia é dos trabalhos e cabelos brancos que tal sorte me custou.

E já agora, não sei se a propósito, cito de cor esta

Riquessa ignorada

Continuação da 1.ª página

cionalmente, da nossa riqueza artesanal. É deprimente verificar que, artigos únicos no mundo e de excepcional interesse estético, permanecem, por falta de visão ou inércia, afastados de meios onde poderiam servir de importantes elementos de propaganda turística e afirmação da notável intuição artística do nosso povo. Confrange saber que, por exemplo, a pequena Dinamarca, cujas possibilidades são, neste capítulo, por nós, de longe ultrapassadas exportou, no último ano, um milhão de contos em produtos artesanais. Entre nós, o desconhecimento, falta de iniciativas e abandono a que têm-sido votadas as produções regionais, vieram a ocasionar uma atmosfera de indiferença perante um problema que, devidamente equacionado e resolvido, poderia determinar um completo aproveitamento de energias e aptidões naturais que proliferam nos nossos meios rústicos.

Fazer reconhecer a superioridade dos nossos produtos, incentivar a sua manufacturação, proteger os artífices, e lançar, à escala mundial, uma campanha de propaganda a favor do nosso artesanato, parecem ser, neste momento, as principais bases de um processo que virá, fatalmente, a produzir benéficas e elevadas influências num fomento turístico-económico, capaz de salvaguardarem a identidade e tipicidade que sempre caracterizaram o povo português.

quadra de António Pedro:

As uvas da minha vinha
Foi a vinha quem as deu.
As uvas da minha vinha,
Porque o vinho—fi-lo eu.

CAMPANHA

DE NATAL

DA GASEL

Até 31 de Dezembro A GASEL, além do desconto de 10% na venda de Fogões; Fogareiros; Esquentadores e Aquecedores a Gás, oferece UM BRINDE que vai até 240\$00 e ainda UMA GARRAFA (13 K.ºs) de GÁS MOBIL.

A todos os consumidores que assinarem novos contratos além da oferta da GARRAFA DE GÁS MOBIL oferecemos mais UM BRINDE que vai a 120\$00

Minha senhora aproveite esta oportunidade de levar para casa de V. Ex.ª... — CLIC — Símbolo de Economia; Segurança e Simplicidade, que o GÁS MOBIL oferece através da

GASEL

DE — A. RAMOS & C.º L.º

Largo Dr. Oliveira Salazar

Telef. 62155

AMARES

SE SABE O QUE FAZ... COZINHE COM MÓBIL GAS O GAS DA BOA DONA DE CASA ASSISTÊNCIA TÉCNICA GARANTIDA



FUNDADA EM 1835

COMPANHIA DE SEGUROS 'DOURO'

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na "DOURO" está a segurança AGENTE EM AMARES:

Jo Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES



RELOJOARIA MAURÍCIO QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telef. 22526 BRAGA

CLIC... ECONÓMICO... CLIC... SEGURO... CLIC... SIMPLES... CLIC... PRÁTICO... ASSISTÊNCIA TÉCNICA E GARANTIDA

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

XXXV

A INDIA PORTUGUESA

por Porfírio de Sousa

Por influência da própria Rainha e para emendar o erro e a injustiça, o Monarca apressou-se a escrever, pelo seu próprio punho, uma extensa carta a Afonso de Albuquerque, em que lhe dava plena satisfação da atitude que havia tomado e lhe pedia, ao mesmo tempo, que ficasse na Índia, como governador independente do reino de Cananor.

Na mesma carta fazia-lhe a promessa formal de o nomear Vice-Rei da Índia, por toda a vida, logo que terminasse o mandato do Vice-Rei que o havia substituído.

E para galardão e recompensar os altos e assinalados serviços que Afonso de Albuquerque havia prestado nessas longínquas paragens, prometia conceder-lhe os títulos de duque de Goa e Senhor do Mar Vermelho.

Para apagar qualquer ressentimento que ainda houvesse no espírito do ilustre português pela sua inesperada e injusta substituição no governo da Índia, D. Manuel I foi ao ponto de lhe conceder prerrogativas excepcionais, com o poder de vida ou de morte, sobre todas as pessoas, de qualquer condição social que fossem, e de lhe dar a plena liberdade de fixar os seus próprios vencimentos.

O supremo árbitro dos destinos do País tinha sido lu-

driado na sua boa fé pelos descaroadáveis inimigos do grande Vice-Rei que se serviram da torpe mentira para desmerecer no conceito do Monarca aquele vulto gigante, mas, mercê dos seus altos serviços prestados à Pátria e das suas excelsas virtudes, Afonso de Albuquerque, de dia para dia, subia mais alto na estima e admiração de nacionais e estrangeiros.

El-Rei D. Manuel I para fazer chegar às impolutas mãos de Afonso de Albuquerque a carta que lhe escrevera, escolheu dois capitães, da sua inteira confiança, e encarregou-os de irem à Índia, em seu nome, entregaram, pessoalmente, ao grande português o régio documento.

Os dois emissários embarcaram, mas as viagens marítimas, nesses recuados tempos, eram difíceis e morosas, pois de Lisboa a Goa gastavam-se o melhor de seis meses.

Vencida a distância desse longo percurso, os dois capitães chegaram ao seu destino e, quando se propunham desempenhar a honrosa missão de que o Rei os incumbira, foram surpreendidos com a triste e dolorosa notícia de que Afonso de Albuquerque havia falecido há cerca de sete meses.

(Continua no próximo número)

As desilusões do tempo e o homem da muita sorte

Há duas maneiras de considerar a vida nacional, tanto nos seus aspectos fundamentais como na curva da evolução. A primeira, tornando-a como realidade central do nosso interesse e dando ao resto a posição de elementos, muito importantes embora, mas secundários em relação ao fulcro do nosso interesse. A segunda, colocando-nos na posição de entusiastas de qualquer das grandes ou pequenas correntes estrangeiras ou supra-nacionais, e não vendo no nosso país senão a pequenina bola de um vasto jogo, cuja evolução se desenrola acima e independentemente da nossa vontade. Para os primeiros, o dever será o de participar sempre em tudo quanto representa saúde ou benefício do País, quaisquer que sejam os obstáculos ou consequências previsíveis. Para os segundos, a preferência vai sempre para os grandes jogos, com desprezo da comunidade nacional que directamente lhes diz respeito. É claro que essa preferência toma sempre tonalidades de participação real na zona de actuação mais próxima. Apenas tonalidades porque

o interesse real, esse fica longe. Tenho a impressão de que poderia expôr estas ideias por outras palavras, mas não queria ser agora desagradável para ninguém.

Não sei em todo o caso, se deva fazê-lo: distinguir entre os que são fiéis à sua comunidade nacional, e os que a renegam. Uns têm a vantagem de ficar sempre de bem com a sua consciência, e é raro terem decepções. Deles me lembro agora especialmente, a propósito dos acontecimentos de Cuba.

Há cubanos, para quem a sua pátria, é o elemento de interesse principal; e há outros para quem importa acima de tudo os interesses económicos dos Estados Unidos, ou os seus interesses económicos ligados aos interesses económicos dos Estados Unidos; outros são os que sobrepõem a tudo os interesses políticos da União Soviética.

Pois bem. Os que se entusiasmarão com as suas esperanças na União Soviética, muito hão-de ter sofrido ao verificar este facto doloroso: Havana, Cuba, as suas bases de mísseis, o seu Fidel Castro — são para a Rússia matéria de negócio, mercadoria a trocar pelas bases norte-americanas na Turquia. Não é boato, não é qualquer fantasia do «diz-se» internacional. Quem o afirmou foi o sr. Kruschey, ao propor o negócio. É claro que entre os comunistas cubanos hão-de prosseguir vivas e palavras de dedicação ao Comunismo Internacional. Todavia, lá no fundo, quantas desilusões não deve ter havido! Afinal, —dirão alguns— nós somos apenas matéria de troca, simples mercadoria, ou simples moeda na mão de Moscovo.

Mais um tempo, espere-mos mais um tempo, e haremos de ver o amontoar das desilusões.

Mais um tempo... Eu afinal, não queria falar-lhes disto. Queria hoje, apenas, contar-lhes a história do homem que tinha muita sorte.

Conheci-o, já ele era bastante idoso. Não eram os 120 anos de um homem que eu conheci o mês passado em Angola—mas em todo o caso uma idade prevecta. Homem de vida simples, regrada, modesta, que não se deixava arrastar pelas tentações do entusiasmo, pelas ilusões da aparência. Quando o convidaram para

tomar conta da fábrica, tudo ali se modificou. As pessoas diziam: — «Ele é um bom contabilista. Pôs as contas em ordem e teve a sorte de tudo lhe correr bem.»

Simplesmente, ele não era o contabilista: era o director-geral da empresa. Tudo lhe passava pela mão, desde as contas até ao mínimo pormenor da gerência administrativa: a disciplina do pessoal, as compras e vendas, os tipos de fabrico...

Houve uma crise tremenda na venda dos produtos fabricados, não sei bem se consequência de falta de meios de compra no mercado, se de excesso do concorrência. O administrador não perdeu a cabeça. Continuou a mandar fabricar o melhor e mais economicamente que era possível; e, como tinha reservas bancárias suficientes para aguentar a dificuldade, resistiu. Um dia, de repente, as condições do mercado mudaram, e a mercadoria em armazém vendeu-se toda. E diziam os operários e com eles o comum da gente: — Que sorte! Aquilo é que é um homem de sorte!

Ninguém reparou que o administrador estudara e conhecia bem as condições do mercado, sabia que a normalidade havia de ser recuperada e tinha para resistir os depósitos e o crédito. Só repararam nisto: que tinha muita sorte.

Doutra vez, rebentou um incêndio numa das salas da fábrica. Uma explosão destruiu mesmo um dos corpos do edifício. Viu-se de repente o perigo de todo o conjunto ir pelos ares. Mas o administrador, muito sereno, muito senhor dos seus nervos, sem sair do seu escritório, ordenou os trabalhos de defesa, distribuiu as turmas de operários, fez avançar os bombeiros—e o incêndio extinguiu-se sem avançar muito mais. — Que sorte! Que homem de sorte! — diziam todos. Sòmente não sabiam que o homem de sorte estivera durante todo o tempo, em que duraram o incêndio e o rescaldo, sem comer nem dormir, agarrado ao telefone, a dirigir a acção.

Aconteceu ainda que, certo dia, apareceu entre os operários um individuo estranho, a espalhar palavras de subversão. Por uma destas doenças colectivas, que levam às vezes as multidões,

(Continua na 4.ª página)

A GASEL

DE A. RAMOS & C.ª L.ª

Oferece a todos os seus estimados clientes além da campanha do GAS MOBIL, mais duas (2) Campanhas Extras.

1.ª Nossa Campanha Grundig

Na compra de Rádios e Televisores, oferecemos além da qualidade vários Brindes de Utilidade

2.ª Ano Graetz

Nesta marca oferecemos na venda de Televisores e Rádios, descontos que vão de 10 a 20 %

Facilidades de Pagamento com Bonus

Antes de se dirigir a comprar um Rádio; um Frigorífico; um Fogão; um aquecedor faça uma visita à

GASEL

DE A. RAMOS & C.ª L.ª

Largo Dr. Oliveira Salazar Telef. 62155 AMARES

Rádios — Televisores — Frigoríficos — Ferros Eléctricos — Utilidades — Assistência Técnica Garantida

Fogões — Fogareiros — Aquecedores — Esquentadores — Gás Mobil — Assistência Técnica Permanente

Tribuna Desportiva

O SPORTING ganhando ao PORTO passou para o primeiro lugar do Campeonato Nacional de Futebol

Jogou-se no passado domingo mais uma jornada do campeonato nacional da primeira divisão. Os resultados que maior surpresa suscitaram foram a vitória do Sporting, no Porto, e a derrota do Belenenses, em casa, contra o Leixões.

Os resultados foram os seguintes: Porto, 1 - Sporting, 3; Belenenses, 0 - Leixões, 1; Benfica, 3 - Cuf 1; Académica, 6 - Atlético 0; Barreirense, 1 - Guimarães 3; Lusitano, 2 - Feirense 1; e Olhanense, 0 - Setúbal, 0;

A classificação geral é a seguinte:

	Pontos
Sporting,	8
Benfica,	8
Académica,	8
Lusitano,	8
Porto,	7
Leixões,	7
Guimarães,	5
Belenenses,	5
Barreirense,	4
Setúbal,	3
CUF,	3
Olhanense,	2
Atlético,	2
Feirense,	0

No próximo domingo, jogam: Cuf - Porto, Vitória de Setúbal - Benfica, Atlético-Olhanense, Leixões-Académica, Feirense-Belenenses, Vitória de Guimarães-Lusitano e Sporting-Barreirense.

Na última jornada do campeonato nacional da segunda divisão, registaram-se os seguintes resultados:

Zona Norte: Beira Mar 2 - Salgueiros, 1; Braga, 3 - Académico de Viseu, 0; Leça, 1 - Varzim 4; Boavista, 0 - Oliveirense, 0; Marinhense, 1 - Covilhã, 1; e Sanjoanense, 2 - Espinho 2; Castelo Branco, 2 - Vianense 0.

Zona Sul: Sacavenense, 3 - Lusitano 0; Portimonense, 3 - Montijo 2; Seixal, 3 - Alhandra 2; Luso, 2 - Fareense, 1; Oriental 2 - Cova da Piedade, 0; Portalegrense, 1 - Silves 0; e Torreirense, 3 - Peniche, 0.

As classificações ficaram assim ordenadas:

Zona Norte:	Pontos
Varzim,	9
Beira Mar,	7
Leça,	6
Covilhã,	6
Castelo Branco,	6
Braga,	6
Marinhense,	5
Oliveirense,	5
Boavista,	5
Académica de Viseu,	4
Vianense,	4
Espinho,	4
Sanjoanense,	3
Salgueiros,	0

Zona Sul:	Pontos
Torreirense,	8
Seixal,	7
Luso,	7
Oriental,	6
Portalegrense,	6
Alhandra,	5
Fareense,	5
Cova da Piedade,	5
Montijo,	5
Portimonense,	5
Lusitano de Vila Real,	4
Peniche,	3
Sacavenense,	3
Silves,	1

O Benfica perdeu com o Real Madrid em jogo a contar para a Taça dos Campeões Europeus de basquetebol.

A equipe de basquetebol do Benfica perdeu por 97-61, com 45-30 ao intervalo, no primeiro desafio que disputou com o Real Madrid a contar para a Taça dos Campeões Europeus da modalidade.

O jogo realizou-se no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, e a equipa encarnada deu réplica animosa ao fortíssimo conjunto espanhol.

Campeonato Madeirense de Futebol

Resultados dos jogos da terceira jornada do campeonato madeirense de futebol: categoria de honra: Nacional-Sporting, 0-2; Marítimo-União, 1-1. Categoria de reserva: Nacional, Sporting, 2-1; Marítimo-União, 4-1.

Torneio Distrital de classificação em Angra para a Taça de Portugal.

Resultados dos jogos de futebol do torneio de classificação para a Taça de Portugal, agora iniciado:

União - Praiense, 0-6; Angrense-Marítimo, 2-0; e Juventude-Vilonovense, 0-2.

O campeonato Distrital foi suspenso para a realização deste torneio.

Disputa-se em Luanda o Campeonato Nacional de "Snipes,"

Doze tripulações metropolitanas vão participar no campeonato nacional de "Snipes," que pela primeira vez se disputa no Ultramar, decorrendo na baía de Luanda, entre 8 e 16 de Dezembro.

Essas tripulações repre-

Um filme sobre a muralha da vergonha

Em centenas de cinemas nos países do mundo livre projecta-se estes dias pela primeira vez um filme sobre um dos temas mais emocionantes da actualidade: a cisão rigorosa da capital da Alemanha, Berlim, numa parte ocidental e noutra parte leste, entre as quais, em obediência à vontade dos dirigentes comunistas, não deve haver relações humanas. A infelicidade de uma linha divisória intransponível que divide a vida de uma cidade de alguns milhões de habitantes em duas partes, não é apresentada, aliás, em debates políticos. O filme, uma co-produção germano-americana basei-se numa história verdadeira. Foi publicada na manhã de 26 de Janeiro de 1962 no «Los Angeles Time» e baseia-se numa informação do correspondente em Berlim, a agência americana United Press Internacional. Sob o título «Vieram como toupeiras» descrevia-se como 28 pessoas residentes no sector soviético de Berlim passaram para Berlim Ocidental através de um túnel de 27 m de comprimento, 60 cm de largura e 110 cm de altura que eles próprios tinham aberto metro e meio debaixo da Muralha da Vergonha.

Walter Wood, o jovem produtor cinematográfico americano vai imediatamente a Berlim e declarou: «Com este tema protestarei perante a opinião pública de todo o mundo contra a injustiça da Muralha». Procurou o motorista Erwin Becker, de 28 anos, que se colocara à frente do grupo de foragidos e contratou-o como conselheiro técnico. Em seguida mandou escrever um script por dois autores e familiarizou-se com o ambiente na metrópole cindida. Não se esqueceu de apresentar o seu script a berlinenses, pedindo a sua crítica, convidando finalmente um terceiro autor a proceder a uma revisão do texto. A realização foi confiada ao alemão Robert Siodmak; figuras de relevo do cinema americano e alemão, entre eles Don Murray, Bruno Fritz e Christine Kaufmann, tomaram o seu cargo os papeis mais importantes. Quando terminou a filmagem no «Tiergarten» em Berlim Ocidental,

sentam o Clube Naval de Cascais, o Clube Naval de Lisboa, o Clube Mare Nostrum, o Sport Algés e Dafundo, o Sport Clube do Porto, a Casa dos Pescadores do Seixal, a Associação Desportiva da Brigada Naval, o Centro de Lisboa da Mocidade Portuguesa, o Centro do Porto da Mocidade Portuguesa e o Clube dos Oficiais e Cadetes da Armada.

Esta prova de vela é organizada pelo Clube Nun'Alvares, que está a ultimar os seus preparativos.

Walter Wood tinha realizado investimentos num total de 650.000 dólares.

A opinião pública alemã e muito especialmente berlinense acompanhara com o maior interesse os trabalhos da filmagem, não escondendo, o que é absolutamente compreensível, certo cepticismo. Seria possível, perguntavam muitos, representar o sofrimento humano e o desespero daqueles que fogem do leste para a Alemanha Ocidental? Não haveria em cada cena o perigo do sensacionalismo? Vencionaria o produtor realizar um filme de aventuras a base da tragédia alemã, tendo em vista um grande êxito financeiro? Ora, o produtor americano teve a coragem de apresentar o seu filme, em primeiro lugar, ao público mais crítico e mais competente; Realizou a estreia absoluta do filme «Túnel 28» em Berlim Ocidental. Verificou-se, que não corra com isso risco algum. O trabalho de Walter Wood obteve o pleno assentimento dos berlinenses. «É exacto nos pormenores e na representação do ambiente — é assim a realidade

de junto à Muralha da Vergonha», escreveu o crítico do conhecido jornal «Die Welt». Nem discursos patéticos, nem explosões artificiais destroem a linha da documentação fiel à realidade. Renunciou-se, com razão, a grandes palavras e criou-se um panorama da situação na qual os tipos são exactos», escreveu o «Tagespiegel». No matutino «Morgenpost» realça-se que o maior mérito desse filme é a circunstância de ser absolutamente crível a um público internacional. «O filme de Walter Wood e Robert Siodmak esforça-se por evitar a pintura em preto e branco. Não divide os berlinenses do Leste em tipos simpáticos a favor do Ocidente e em tipo antipáticos a favor do Leste. Evitou ataques políticos para patentear, sobretudo, o sofrimento humano e o medo». O Ministro de Assuntos referentes a toda a Alemanha, Lammer, declarou com plena razão quando da estreia: «Espero que este filme acorde os ânimos em todo o mundo pois mostra o que significa viver sem liberdade e qual preço se paga conquistá-la».

JACTO DE LUZ

A (?)...

Que dia cinzento
Do mês de Novembro!
D'aborrecimento
Doutro não me lembro!

Vai o dia em meio
Que o marca o ponteiro...
Lá vem o correio,
Que traz o carteiro?...

Aqui nesta cela,
Qual monge cativo,
Espreito à janela,
Não vejo ser vivo...

Tristeza? ... Alegria ... ?
Qual delas virá? ...
Em tão triste dia
Prazer não será...

Com esta chuvinha
O chão a molhar,
Mais a mágoa rinha
Se vem agravar!

Missiva p'ra mim!!..
(Talvez a deshoras;)
Abri, diz assim:
— Estimo as melhoras —.

Caminha a manhã
Monotonamente...
Coaxa uma rã
No lago dormente.

Fiquei radiante!
Bendisse o carteiro...
E no mesmo instante
Foi-se o nevoeiro.

As horas tão lentas
Custam a passar!...
Cabo das tormentas,
Ondas d'alto mar!

Um jorro de luz
Que as trevas rasgou,
Que canta e reluz
Aqui onde estou!

Só me resta enfim
Mil graças vir dar,
A quem quiz assim
Minha alma alegrar,

UERBA

Deseja trabalhos tipográficos
com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
AMODELAR

Telefone 62113

Amres